

Versão em espanhol extraída de:

<http://redpsuv.blogspot.com.br/2012/08/parte-i-el-bolivar-de-marx-vladimir.html>

domingo, 12 de agosto de 2012

O “Bolívar” de Marx – Vladimir Acosta

(Traduzido ao português por **Jair de Souza**)

Introdução

Começo pelo princípio, tratando, já de entrada, de deixar claras certas coisas. Embora seja apresentada como uma colaboração acadêmica com uma enciclopédia, o trabalho de Marx sobre Bolívar não é uma biografia científica curta, nem deve ser considerado um trabalho histórico. É preciso evitar a armadilha, ou a bobagem, de lê-la como tal. O trabalho não apenas carece do mínimo de objetividade requerido nesses casos, senão que sequer tenta tê-lo. As fontes utilizadas são parciais e a tomada de partido do autor é abertamente em contra do personagem supostamente biografado. É um panfleto político (ou político-ideológico) ao qual serve de base argumentativa uma resenha biográfica tendenciosa e manipulada; e é dentro desses parâmetros que deve ser lido, se o que se busca é entender algo a respeito e não confundir-se, ou confundir a outros, em função de determinados interesses.

Como vou mostrar à continuação, é muito pouco, ou nada, o que se pode aprender em termos históricos sobre Bolívar neste texto de Marx e – como vários outros autores já assinalaram – se algo se pode aprender deste texto, isto seria mais propriamente sobre Marx, sobre seu contexto, sobre sua visão política e sobre seus sentimentos pessoais.

A análise, portanto, mais que histórica, tem de ser política, tem de enquadrar-se dentro do exame do panorama e das ideias e interesses políticos em jogo, tanto daquele momento como de agora. Vou abordar o histórico dentro desses parâmetros; embora, logicamente, eu vá analisar em detalhes o texto de Marx, vou fazê-lo sobretudo para mostrar seu caráter tendencioso e como está cheio de erros, intrigas e falsidades, e, antes, vou fazer um reconto da história do texto e de seu uso desde que foi posto a circular na terceira década do século passado. Depois de examinar o texto em si, vou revisar o contexto histórico em que Marx o escreveu, assim como a visão e os preconceitos que o caracterizam. A seguir vou tratar de dar uma visão de conjunto tanto de Marx como de Bolívar, mostrando a grandeza de ambos e o absurdo que é pretender reduzi-los a este pobre texto, tanto a Marx como autor como a Bolívar como biografado, como se Marx não tivesse escrito ou feito outra coisa e

como se Bolívar fosse a triste caricatura que surge do panfleto de Marx. Vou terminar com um breve comentário sobre o atual socialismo bolivariano e sua necessária relação com Marx e com o pensamento marxista, tratando de expor algumas opiniões a esse respeito.

A história do texto.

Dois fatos circunstanciais rodeiam este controvertido texto de Marx sobre Bolívar. Um é a casualidade que leva Marx a escrevê-lo, outro, a que leva, quase um século depois, a seu descobrimento e a sua colocação em mãos latinoamericanas.

Em 1857, Marx e Engels, que há anos vinham colaborando de modo mais ou menos regular em um jornal estadunidense, o New York Daily Tribune, que era dirigido por Charles Dana, um amigo de ambos, se comprometeram com este a escrever alguns artigos para a New American Cyclopedia que o editor norteamericano estava preparando. Tratava-se de artigos biográficos e temas de história militar e correspondiam às primeiras letras do alfabeto. Como Engels conhecia melhor os temas militares, Marx, que estava vivendo em meio a sérias dificuldades econômicas, se dedicou a escrever as biografias curtas e, assim, lhe coube a de Bolívar, um personagem que, ao que tudo indica, ele desconhecia por completo até então. Ao tentar documentar-se sobre o Libertador sulamericano, essencialmente com uma bibliografia tendenciosa, escrita por inimigos de Bolívar, Marx detestou de entrada o personagem, que lhe pareceu um indivíduo elitista, covarde, petulante, ambicioso, disposto a tudo para converter-se em ditador e cheio de vaidades napoleônicas. Em consequência, dando vazão a seus preconceitos contra o personagem e a seu ódio contra o bonapartismo que ele via recriado e caricaturizado em Bolívar, escreveu a toda pressa um texto parcializado, cheio de erros e muito distante do rigor e da objetividade acadêmica próprios de uma enciclopédia (coisa que Dana lhe chamou a atenção, dando lugar a uma deplorável resposta de sua parte). O texto, ao qual Marx não deu mais importância, foi publicado de forma anônima, como costuma acontecer nesses casos, caiu no esquecimento junto com a enciclopédia e nunca mais se soube dele.

Foi redescoberto em 1934/35, quando os editores soviéticos preparavam a edição em russo das Obras Completas de Marx e Engels e vasculharam os textos de ambos autores para a esquecida Cyclopedia de Dana. A casualidade fez com que Aníbal Ponce, um jovem marxista argentino que se encontrava em Moscou, ao revisar arquivos no Instituto Marx-Engels-Lenin, se deparasse com o texto. Ao voltar à América Latina, Ponce o traduziu do inglês ao espanhol e, em março de 1936, o publicou com um comentário próprio no primeiro número de “Dialéctica”, uma revista que começou a ser editada em Buenos Aires. No ano seguinte apareceu em inglês numa antologia russa de textos de Marx e Engels intitulada Revolução na Espanha, a qual foi pouco depois traduzida ao espanhol como A Revolução

espanhola. Desde então o ressuscitado texto de Marx tem sido de domínio público e tem estado sujeito a permanente discussão.

A edição de Aníbal Ponce merece um comentário, mesmo que seja curto. E o merece porque Ponce não se limita a traduzir e editar o texto, senão que faz uma apresentação na qual defende todos e cada um dos argumentos de Marx contra Bolívar e amesquinha a condição de Libertador do grande venezuelano ao mantê-lo entre aspas, como no texto de Marx. Este não é o espaço para analisar os discutíveis argumentos de Ponce nem as deficiências de sua formação marxista carregada de positivismo sarmentista, mas, sim, me parece necessário ressaltar como é lamentável esse falso nacionalismo com o qual se vem tentando opor, tanto na Venezuela como na Argentina, Bolívar a San Martín, os dois grandes libertadores sulamericanos, como se a maior grandeza de um exigisse necessariamente a redução da do outro.

Porém, é a direita latinoamericana, em especial a colombo-venezuelana, quem se apodera do texto e o difunde, com a clara finalidade de convertê-lo em instrumento de luta contra o pensamento marxista por trás de uma demagógica máscara de patriotismo bolivariano ofendido, marcada pelas contradições e o oportunismo de sua práxis concernente à visão e às propostas soberanas de Bolívar. A partir de então, é isto o que tem prevalecido entre nós na história da difusão do artigo de Marx: seu uso pela direita ao serviço de um suposto patriotismo bolivariano claramente antimarxista e anticomunista e dirigido a colocar nossos povos na disjuntiva de ter que escolher entre Bolívar e Marx. Neste sentido, convém recordar a rápida resposta dada pelo revolucionário colombiano Gilberto Vieira a essa falsa disjuntiva, o qual, em 1942, sendo um jovem militante comunista, publicou um artigo, “Sobre a trilha do Libertador”, onde criticava a leitura feita por Marx, ressaltava a gesta libertadora de Bolívar, distinguindo nela a etapa revolucionária que preenche a maior parte de sua vida, do período final desta, quando, ao pôr a unidade por cima de tudo, viu-se obrigado a aliar-se aos setores mais conservadores, e chamava a resgatar a esse Bolívar revolucionário para as lutas de nossos povos, já que a direita queria apoderar-se dele.

Na Venezuela, a difusão do texto de Marx pela direita e pelos intelectuais a seu serviço passou por várias fases. Nos primeiros anos da década dos quarenta do século passado, tempos de aliança antifascista e de crescimento do Partido Comunista, ele foi usado, manipulando um falso bolivarianismo, para tratar de afastar do marxismo os setores operários e populares. Nos anos cinquenta, em tempos de maccarthismo e de ditadura perezjimenista, reapareceu em forma ocasional. Sem muito êxito, pois ao cair Pérez Jiménez, o crescimento do Partido Comunista foi notável, assim como o de toda a esquerda revolucionária, estimulada pelo triunfo da Revolução Cubana. Reapareceu então, sempre com o mesmo objetivo, sempre com escassos resultados, porque o crescimento da esquerda e da luta revolucionária não se viu afetado por isso. Após a derrota das guerrilhas e o

posterior abrandamento e domesticação da esquerda, o texto desapareceu por longo tempo. Já não era necessário. Mas agora reaparece com mais brios e, nestes anos de despertar popular e de luta pela unidade latinoamericana, voltou suspeitosamente a circular, a ser posto de moda e a dar lugar a novas intrigas. E também a discussões sérias, como a que tentamos travar aqui.

E não é casual que seja agora na Venezuela, nesta nova Venezuela, chavista, revolucionária e bolivariana, aberta além disso ao socialismo, que o texto de Marx haja sido outra vez posto de moda. Só que desta vez reaparece com novos objetivos, ou melhor, com duplo objetivo. Duplo objetivo porque agora vai ao mesmo tempo contra Marx e contra Bolívar. A direita, presa de seu caráter reacionário e de seu anticomunismo feroz, hoje, por certo, bastante transloucado, sempre odiou Marx, e continua odiando-o como antes. E, logicamente, continua interessada em atacar o pensamento marxista, tudo o que cheire a marxismo, a socialismo, a comunismo, usando neste caso a Bolívar como arma contra Marx, para o qual o panfleto do autor de O Capital é essencial e deve ser difundido. Mas agora quer usar ao mesmo tempo a Marx contra Bolívar para acabar de uma vez por todas com os dois. A razão para este último caso é que a direita venezuelana é agora inimiga de Bolívar. E este fenômeno é tão novo como interessante. Antes essa direita se dizia bolivariana, defensora como era de um culto sacralizador de Bolívar, que não apenas falsificava seu pensamento e ocultava boa parte dele, senão que mantinha o Libertador venezuelano embolorado, encerrado em seu distante panteão dos heróis e usando-o somente para encobrir seu entreguismo servil e desintegrador de nossas nações mediante discursos vazios cheios de oportunas referências ao Pai da Pátria. E os historiadores, de esquerda e de direita, podiam estudar a Bolívar com tranquilidade, como se estuda friamente aos personagens e heróis do passado.

Mas agora as coisas mudaram. Bolívar voltou à política. E voltou à política, espaço da polêmica, em meio de um processo conflituoso. Como diria Neruda, despertou novamente. E a explicação é clara. Chávez e o movimento bolivariano que ele dirige começaram a reler Bolívar em função do atual processo de transformação que a Venezuela está vivendo e que se estende ao longo da América do Sul e do Caribe e, com isso, começou-se a resgatar sua visão de Pátria Grande latinoamericana e seu pensamento anticolonialista e unificador de nossos povos, lançando, deste modo, Bolívar às ruas a participar ao lado dos povos do subcontinente da luta atual pela independência e soberania. Isto a direita não suporta, de modo que ela e os intelectuais que a servem se declaram agora abertamente antibolivarianos e passaram a se dedicar a desmontar Bolívar para apresentá-lo em termos parecidos ao que Marx fez, ou ao menos a descrevê-lo como descrevem a Chávez, isto é, como ditador e autocrata, inimigo de toda democracia.

O escrito de Marx sobre Bolívar é um texto pobre. Esse escrito sempre foi instrumento da direita para enfrentar Marx com Bolívar. Porém, Marx é muito mais

que isso, assim como Bolívar está muito acima da caricatura que nos brinda Marx. De modo que, em meu critério, para aqueles que pensam que, descartando a respeito todo dogmatismo, um revolucionário venezuelano ou latinoamericano pode ser ao mesmo tempo marxista e bolivariano, tirando proveito do pensamento de ambos, pareceria então o mais sensato tratar de enfrentar e liquidar de uma vez por todas este problema, lendo, criticando e desmontando o escrito de Marx, situando-o em seu contexto e resgatando para um processo revolucionário que os necessita tanto a figura de Bolívar como a de Marx.

As fontes de Marx

Revisemos então o texto de Marx. E comecemos pelo central, pelas fontes que, segundo sua própria declaração, empregou para escrevê-lo. São apenas três, assinaladas por ele ao final. A primeira, em realidade a principal e quase única, ao menos para a maior parte do texto, a que trata da luta pela independência da Venezuela e da Nova Granada, é a obra de Ducoudray-Holstein, *Histoire de Bolívar*, continuée jusqu'à sa mort par Alphonse Viollot, Paris, 1831. A segunda (que Marx cita em terceiro lugar) é o relato do coronel (Gustavus) Hippius, *Account of his Journey to the Orinoco*, Londres, 1819. E a terceira, citada em segundo lugar, são as *Memoirs of General John Miller (in the service of the Republic of Peru)*, da qual não se indica nem lugar de edição nem ano, e que, além disso, está mal citada, pois o título correto é *Memoirs of General Miller*, etc

É necessário fazer um comentário sobre estas fontes e sobre seus autores. Estes últimos têm algo em comum: tiveram participação, embora de duração e valor muito diferente, nas lutas pela independência sulamericana: Ducoudray-Holstein em Nova Granada, Caribe e Venezuela; Hippius nesta última, em Guayana e Apure; e Miller no Chile e no Peru. E todos eles, por diversas razões e em diversos graus, tiveram divergências e enfrentamentos com Bolívar, o que os levou a fazer críticas, com frequência discutíveis ou infundadas, contra o Libertador, críticas recolhidas em suas obras ou memórias. Mas há grandes diferenças entre eles, como difere igualmente o valor de seus escritos.

Vamos começar por Ducoudray-Holstein. Ducoudray-Holstein é um de tantos aventureiros e mercenários europeus que participam na luta de independência sulamericana e alcançam certo protagonismo nela. Em realidade, não se chamava assim. Nasceu em 1763 (ou em 1772) em Holsteinborg, um povoado de Holstein, província nórdica, por então, alemã e que hoje é parte da Dinamarca. Mas era francês, filho de pais húngaros, e se chamava Henri Louis Villame, sobrenome que depois mudou, em 1809, por Ducoudray, acrescentando-lhe à continuação de Holstein, por seu local de nascimento. Teve participação nas guerras napoleônicas e na invasão francesa da Espanha, onde esteve preso e aprendeu espanhol. Por causas nada claras, desertou do exército francês na Espanha e fugiu para Nova Granada,

onde havia começado a luta pela independência, e de onde participou em 1815 ao lado do brigadeiro Castillo, inimigo de Bolívar, na defesa de Cartagena contra este. Daí escapou para o Haiti ao produzir-se a invasão de Morillo e a derrota dos patriotas neogranadinos. E no Haiti, por intermédio de Louis Brión, se aproximou de Bolívar, por então exilado e apoiado por Petión, o Presidente haitiano, e, depois de aceitar a liderança do Libertador, se incorporou à expedição de Los Cayos em 1816 na qualidade de chefe de Estado Maior. Como é sabido, a expedição, que invadiu a Venezuela, terminou em um rotundo fracasso, que afetou seriamente o prestígio de Bolívar.

Ducoudray-Holstein intrigou contra o Libertador em Carúpano, e este o dispensou do exército. Guardando um profundo rancor contra Bolívar, ele regressou ao Haiti, onde viveu longos anos como livreiro e professor de música, mas sempre disposto a reunir boatos e informações tendenciosas contra Bolívar. Começou a viajar aos Estados Unidos, onde morreu (em Albany) em 1839. Dez anos antes, havia publicado em Boston um extenso livro contra Bolívar (e contra a maior parte dos chefes militares patriotas), intitulado *Memoirs of Simon Bolívar, President Liberator of the Republic of Colombia and of his principal Generals*, livro do qual Marx cita a versão francesa, editada em Paris dois anos mais tarde: *Histoire de Bolívar, par le Général Ducoudray-Holstein, continuée jusqu'à sa mort par Alphonse Viollot*. O livro, que alcançou muita difusão na Europa de então, está repleto de boatos, intrigas, ressentimentos e meias verdades, de onde se deriva um Bolívar reduzido por ele a um personagem de opereta: mau-caráter, medíocre, covarde, ambicioso e autoritário, que é uma pobre caricatura de Napoleão, a quem imita, e que em meio de fugas, esbanjamentos, amantes e festas, só pensa em impor sua ditadura brutal sobre toda a América do Sul.

O livro de Hippiisley tem importância menor, salvo como reforço de algumas das coisas ditas por Ducoudray-Holstein, a quem cita. Hippiisley foi um dos tantos oficiais ingleses que participou na guerra de independência venezuelana, em Guayana e nas planícies de Apure, em 1817. Porém, permaneceu pouco tempo ali, e regressou à Grã-Bretanha furioso por considerar-se enganado, posto que após sua contratação como mercenário em Londres por López Méndez, representante patriota na capital inglesa, e de incorrer, como ele diz, em uma série de gastos para ele e os soldados que o acompanhavam, Bolívar, em Apure, considerou estes gastos insuficientemente justificados e se negou a pagá-los; além de que a promoção a general que ele aspirava como parte de seu contrato também não lhe foi reconhecido pelo Libertador venezuelano. Embora contenha alguns dados e descrições interessantes sobre coisas que ele diz ter visto em Guayana e nas planícies apurenhas, a maior parte de seus relatos está dedicada a falar de seus gastos e aspirações e a falar mal de Bolívar por não havê-los atendido. Recomenda a seus compatriotas que não embarquem nessa luta, na qual só lhes esperam morte e maus tratos por parte dos patriotas, péssima alimentação, fome, miséria e doenças mal

tratadas.

Ele se expressa bem a respeito de índios e crioulos, a quem considera “uma bela raça”. Em relação a Bolívar, ainda que, diferentemente de Ducoudray-Holstein, o considera valente, diz que é militarmente incapaz, que perde todas as batalhas, que carece de visão estratégica e tática, que se dá áurea de grande homem, que imita Bonaparte e quer ser sua cópia sulamericana, mesmo carecendo de seus talentos, que esbanja os esforços de seus homens, aos quais considera “de um valor a toda prova”, mas indisciplinados e selvagens e longe de constituir um verdadeiro exército, e que para conseguir a independência da Venezuela, contando com o apoio de Mariño e Páez, bastaria dispor de dois mil soldados ingleses encabeçados por seus próprios oficiais. Relata por certo uma história que Marx ignora, na qual Sedeño, o general patriota, é perseguido por seus soldados que querem linchá-lo sob a acusação de covardia por haver fugido da batalha, em Carabobo, abandonando sua tropa (coisa que, segundo Ducoudray-Holstein, Bolívar fazia em cada ocasião). Páez salva Sedeño do linchamento e, ante o assombro de Hippiusley, um dos oficiais patriota lhe diz que isso de linchar aos covardes é normal entre eles e que, inclusive, se houvesse suspeita de covardia de Bolívar fariam o mesmo com ele. Outra coisa que Marx ignora é que Hippiusley, anos mais tarde, logo após o triunfo continental de Bolívar, lhe dirigiu uma carta bajuladora na qual não apenas o compara com Washington senão que lhe diz que este está muito abaixo dele em todos os terrenos, carta que, ao parecer, Bolívar não respondeu.

Quanto a Miller, é preciso dizer que seu caso é diferente. De entrada, seria preciso esclarecer algo sobre ele, porque a referência de Marx, que apenas usa essas Memórias para o marco geral deste período da vida de Bolívar e para reforçar algumas intrigas contra ele, é confusa. Quem participa na independência do Chile e do Peru é o general William Miller, mas quem edita suas memórias, acrescentando no processo suas próprias observações, é seu irmão John, embora tudo indique que com autorização do primeiro. De modo que as Memórias são de ambos irmãos, pese a que, por sua participação militar na independência do Chile e do Peru, deve-se pensar que nelas predominam o pensamento, as ideias e os documentos e materiais reunidos por William, administrados, editados e complementados por seu irmão, que também viajou pela América do Sul.

William Miller é um herói da independência peruana e seus restos repousam no Panteão limenho. Inglês, nascido em Wingham, condado de Kent, em 1795, participa nas guerras de seu país contra Napoleão; e logo, a partir de 1817, como tantos soldados britânicos, emigra à América do Sul, à Argentina, para lutar ao lado dos patriotas rioplatenses. Incorpora-se ao exército de San Martín e participa da luta para libertar o Chile e o Peru ao mando do Libertador do Sul, dando frequentes mostras de coragem. Esteve na marinha chilena com Lord Cochrane e na expedição de San Martín ao Peru em 1820. Permaneceu no país e se incorporou às tropas de

Bolívar desde 1823, tendo destacada participação ao lado deste na batalha de Junín, e ao lado de Sucre, na de Ayacucho. Depois de retornar à Inglaterra em 1825 e permanecer ali por cinco anos, regressa ao Peru, onde passa o resto de sua vida participando na política, e onde morre em 1861.

Porém, Miller é, antes de tudo, um súdito inglês, defensor dos interesses de sua pátria, partidário do livre-câmbio, do comércio britânico, da liquidação das indústrias e artesanatos sulamericanos tradicionais e da subordinação das novas repúblicas aos interesses da Inglaterra. É isto que o leva a ter rusgas com Bolívar, que se negou a nomeá-lo cônsul da Colômbia em Londres (embora, depois da desapareição de Bolívar, chegou a ser cônsul britânico no Equador). Mas, as críticas de Miller, que se dirigem sobretudo aos planos e projetos políticos de Bolívar, são sérias e não meras fofocas como as de Ducoudray-Holstein e Hippisley (razão pela qual Marx quase não o usa). Além disso, a despeito dessas críticas, Miller mostra respeito e admiração por Bolívar, a quem, em uma carta de novembro de 1825, considera um herói que ganhou merecidamente a admiração “de todo o universo civilizado”. Em suas Memórias mesmas, ele o considera alguém merecedor de glória por seus imensos serviços prestados à causa da liberdade da América do Sul.

São essas, portanto, as fontes que Marx reconhece haver usado, embora, como veremos, seu texto depende quase por inteiro das calúnias e manipulações de Ducoudray-Holstein. Vamos ver agora o texto.

Análise do texto

O texto de Marx fica definido desde o início. Começa assim: ‘Bolívar e Ponte, Simón, el “Libertador” de Colômbia’... Ao intitulá-lo Bolívar e Ponte, Marx mostra sua clara intenção de destacar a origem mantuana do Libertador, equivocando-se certamente, já que Bolívar e Ponte eram os sobrenomes de seu pai, ao passo que os seus eram Bolívar e Palacios, e, ao colocar Libertador entre aspas, questiona de uma vez por todas que um personagem como Bolívar mereça semelhante título.

O que vem em seguida é algo que pretende passar por uma curta biografia do herói venezuelano, na qual, seguindo grosso modo sua história pessoal tal como a narra Ducoudray-Holstein e a da independência sulamericana da qual foi protagonista, vai-se intercalando de maneira tendenciosa nessa história uma interminável sequência de erros, manipulações, fofocas e abertas falsidades derivadas de Ducoudray-Holstein, mas às vezes condimentadas pelo próprio Marx, e todas dirigidas a mostrar a Bolívar como um ser covarde, mesquinho, ostentador, autoritário e miserável, cuja vida é a de um falso herói, carente de todo mérito. Impossível e inútil seria assinalar e desmontar uma a uma as partes desta sequência de erros, meias verdades e mentiras abertas, porque isso estenderia demais um escrito como este, que deve ser curto, e porque me parece mais importante expor

outros aspectos do assunto. No que vem à continuação, vou me limitar a assinalar somente o principal.

As frases seguintes contêm uma série de pequenas inexatidões, todas derivadas de Ducoudray-Holstein, a quem Marx acompanha, repete ou resume. É certo que o jovem Bolívar, como era habitual na elite mantuana, é enviado em sua adolescência à Europa, à Espanha. Esteve em Paris, mas não por vários anos como Marx diz, senão que apenas algumas semanas. Casa-se na Espanha em 1802 e regressa à Venezuela. Logo após ficar viúvo, Bolívar faz uma segunda viagem à Europa, em 1803, que também dura vários anos. Retorna a Caracas em 1807, e não em 1809 como Marx diz. Também não é certo que José Félix Ribas fosse seu primo, como Marx diz, porque, em realidade, era seu tio político. É falso que, ao regressar à Venezuela, Bolívar não tenha aderido à revolução de 1810. Não esteve presente em 19 de abril porque havia sido confinado a sua fazenda de San Mateo pela autoridade espanhola, como suspeito de atividades conspirativas. No entanto, sim, participa em tudo o que está em andamento. Bolívar é um dos promotores da Sociedade Patriótica, espécie de clube jacobino com certo apoio popular que, diante das vacilações da Junta Patriótica governante, promove a independência de uma vez por todas. Seu famoso discurso de 3 de julho de 1811 é um dos fatos que contribuiu a que a declaração de independência se fizesse dois dias mais tarde. Se não tivesse tido protagonismo nestes feitos, como quer Marx, não seria possível entender que haja sido enviado a Londres com López Méndez e Andrés Bello para buscar apoio da Inglaterra (e não meramente para ‘comprar armas’, como Marx diz). Também não é verdade que logo de sua missão (nada é dito de que em Londres o jovem Bolívar haja conclamado a Miranda a regressar à Venezuela para colocar-se à cabeça da luta para defender a independência), Bolívar tenha se retirado à vida privada. Assim também não se entende, nem por conta de quê, que ‘em setembro de 1811’ (novo erro, é em maio de 1812) Miranda o tenha retirado de sua vida privada para designá-lo como comandante de Puerto Cabello. Em realidade, Bolívar, que participou na luta e se destacou antes na tentativa exitosa de recuperar Valencia para os patriotas, não esteve muito satisfeito com esta designação que, apesar de sua importância, o distanciava do centro de decisões militares e políticas.

Estes são, no entanto, erros menores, que passariam com facilidade em um texto de encargo sobre um tema pouco importante para Marx, escrito às pressas para ganhar o pão. As mentiras e intrigas sérias começam a partir daqui e vão ganhar mais importância à medida em que o protagonismo de Bolívar na luta pela independência aumenta.

O que ocorre a seguir é a perda de Puerto Cabello, a capitulação de Miranda ante Monteverde, com a subsequente perda da República, e a captura de Miranda por vários patriotas, encabeçados por Bolívar, e sua posterior entrega aos espanhóis vitoriosos. Em relação com a perda de Puerto Cabello, golpe muito grave para as

forças patriotas, Marx apresenta a Bolívar, responsável pela praça, como um incapaz e um traidor que, contando com recursos suficientes para fazê-lo, não defende a cidade e o forte frente a um grupo de espanhóis quase desarmados, que foge covardemente do combate, deixando seus subordinados lutar sozinhos, e que se recolhe a sua fazenda de San Mateo. Tudo isto é falso. Em Puerto Cabello, onde se encontravam detidos numerosos chefes, oficiais e soldados espanhóis, estava o parque dos patriotas. A cidade e o forte são perdidos pela traição de um oficial republicano. Os traidores se apoderam do parque e controlam as melhores posições. Bolívar é pego de surpresa, mas, apesar disso e da inferioridade de condições, responde ao ataque com seu número menor de tropa e armas e trata de reconquistar Puerto Cabello, lutando vários dias e sofrendo grandes perdas. Ao final, vendo tudo perdido, após solicitar em vão os auxílios de Miranda, se retira com parte de sua tropa. Porém, não vai se enfiar em sua fazenda de San Mateo (a cidade estava por certo em poder dos realistas), senão que desembarca em La Guaira e passa a Caracas, onde permanece por alguns dias, amargurado por sua derrota.

A República está perdida, Miranda, desmoralizado, capitula ante Monteverde em La Victoria em termos que os espanhóis logo começam a violar de forma aberta e que a maioria dos patriotas desconhece (o que, no ambiente de derrota e decomposição reinante em suas filas, gera dúvidas, especulações e rumores de traição). Bolívar é dos que creem na traição de Miranda. Este, após capitular e forçar a entrega de Caracas aos realistas, passa a La Guaira e decide embarcar em um veleiro inglês. Tudo indica que havia decidido dirigir-se à Nova Granada para buscar auxílio para retomar a luta, como Bolívar fez várias vezes depois. Mas, Bolívar e outros patriotas desconhecem isto e suspeitam que Miranda cometeu traição e decidem capturá-lo para que seja julgado.

O confuso episódio sempre suscitou dúvidas e discussão, e ainda continua suscitando, porque o papel de Bolívar nisto não é muito heroico, e porque ele, que acaba de perder Puerto Cabello, não é o mais indicado para culpar Miranda, constituindo-se em seu juiz. Porém, o relato de Marx, que resume neste caso a Ducoudray-Holstein, é incompleto, tendencioso e, como o de sua fonte, está dirigido a fazer de Bolívar um traidor. Não são, como Marx diz, Bolívar e Miguel Peña os que convencem Miranda a ficar e dormir em terra para seguidamente acudir com aleivosia para prendê-lo de madrugada. Miranda dorme em La Guaira porque quer e isto é um claro indício de que não há traição por sua parte, pois a pesar da recomendação do capitão do veleiro inglês para que passe a noite a bordo antes de zarpar pela manhã, ele prefere pernoitar no porto, depois de jantar em um ambiente tenso com vários de seus oficiais. De madrugada, Bolívar, Miguel Peña e outros acodem a detê-lo. Mas não o entregam a Monteverde, como Marx afirma, senão que a Manuel Maria Casas, comandante militar patriota de La Guaira, que os acompanha. É pouco depois que os realistas se apoderam da praça e que Casas, seguindo o pautado na capitulação patriota, lhes entrega a cidade e, com ela, o

ilustre prisioneiro, a quem os espanhóis, que o odeiam e haviam posto preço a sua cabeça há anos, encarceram e logo enviam a Porto Rico e de lá ao cárcere de La Carraca, em Cádiz, onde Miranda morre, doente e ancião, em 1816.

A culminação desta história pouco gloriosa é o que se refere ao salvoconduto de Bolívar, história que Marx nos conta de forma manipulada e só pela metade, reforçando neste caso a Ducoudray-Holstein com o que dizem as Memórias do General Miller, a outra fonte que ele diz usar, mas que quase nunca usa. Marx diz que a entrega de Miranda aos espanhóis rende a Bolívar ‘o favor especial de Monteverde’, que o premia por isso dando-lhe como recompensa um salvoconduto para sair do país. Em realidade, Bolívar foge de La Guaira e se esconde em Caracas na casa do marquês de Casa León. Este faz gestões perante Francisco Iturbe, outro amigo de Bolívar, espanhol para mais indícios, e Iturbe pressiona Monteverde para que lhe seja concedido o salvoconduto a Bolívar. Depois de várias tentativas, Monteverde concorda, embora fosse Bolívar um dos que haviam lutado armas em mãos contra a Espanha. Ao acudir acompanhado de Iturbe para receber seu passaporte, Monteverde faz anotar de fato que o salvoconduto lhe está sendo entregue ‘como recompensa por serviços prestados ao Rei de Espanha por lhes haver entregue a Miranda’. Contudo, Marx corta seu relato aqui, omitindo de modo intencional a resposta de Bolívar, que consta nas Memórias do General Miller. Bolívar, indignado, teria respondido a Monteverde que havia entregue a Miranda ‘não para servir ao Rei e sim porque ele havia traído sua pátria’. Esta resposta esteve a ponto de fazer com que Monteverde anulasse o passaporte, e só os rogos de Iturbe resolveram o impasse.

Marx continua repetindo, ou resumindo, a Ducoudray-Holstein. Vou pular o pouco que ele diz sobre a participação de Bolívar na luta ao lado dos patriotas neogranadinos e retorno ao que segue. Em 1813, Bolívar invade a Venezuela desde Cúcuta, no que se conhece na história venezuelana como ‘Campanha Admirável’. Marx nada diz a respeito, exceto afirmar, para diminuir os méritos de Bolívar, que os espanhóis que se enfrentaram com ele durante a campanha eram ineptos e covardes, e repetir várias vezes que o verdadeiro herói patriota era Ribas, a quem os espanhóis opõem resistência e aos quais Ribas teria derrotado em Los Taguanes. Os méritos e a coragem de Ribas são inegáveis, assim como o papel central desempenhado por ele na campanha, mas o líder desta é Bolívar, que é certamente o vencedor de Los Taguanes. A entrada triunfal de Bolívar em Caracas é descrita por Marx seguindo nisto, como de costume, a Ducoudray-Holstein. Entretanto, deixando de lado que neste caso o autor francês reconhece os méritos de Bolívar, a descrição de Marx centra-se no detalhe, além de contar com erros e exageros. É verdade que houve uma carruagem da vitória e que doze belas garotas das famílias mantuanas caraquenhãs participaram do desfile e ofereceram coroas de laurel a Bolívar, mas não é certo que eram elas que arrastavam a carruagem da vitória. Também não que o próprio Bolívar se proclamasse Libertador, pois foi o Cabildo Caraquenho que lhe

conferiu esse título honroso, nem que Bolívar tenha criado uma Ordem do Libertador, porque o que foi criado foi uma Ordem dos Libertadores. Enfim, que no texto de Marx, longe de encontrarmos um guerreiro que libertou seu país depois de uma assombrosa campanha militar e que por isso é festejado logo após suas vitórias, o que temos é uma vez mais um inútil carente de méritos, personalista e achegado à pompa e aos festejos.

À continuação, Marx nos dá uma primeira mostra desse racismo décimo-oitavesco predominante na Europa de então em relação aos latinoamericanos, racismo que Ducoudray-Holstein compartilha. Ducoudray-Holstein critica Bolívar e seus oficiais por dedicar tempo demais a festas e por cair com facilidade na indolência. A partir disso, Marx diz de Bolívar: “Porém, como a maioria de seus compatriotas, era incapaz de todo esforço de longo fôlego...” Escutar esta frase da boca de Marx não apenas nos assombra, senão que mais ainda quando tenta-se aplicá-la a alguém como Bolívar que, enfrentando milhares de obstáculos de todo tipo, dedicou toda sua vida a lutar pela independência de sua pátria americana, que libertou metade da América do Sul, e que teve uma visão de unidade continental que nossos povos ainda reivindicam. Igualmente injusto é sua aplicação aos venezuelanos, e com eles aos colombianos, equatorianos, chilenos e argentinos, que lutaram por sua liberdade durante quase duas décadas e que conseguiram derrotar o império espanhol e conquistar sua independência ao preço de seu esforço e de seu sangue.

Marx segue acumulando erros ao repetir a Ducoudray-Holstein. Mergulhado na pompa, no esbanjamento e nas arbitrariedades, rodeado de favoritos, isto é, vivendo do modo como o racismo europeu costuma definir como um sátrapa oriental, Bolívar, Marx nos diz, deixa perder por ser inútil tudo o que fora conquistado. A Segunda República se desmorona. Bolívar convoca uma junta, na qual sua ditadura é ratificada por Hurtado de Mendoza (na verdade, se trata do patriota venezuelano Cristóbal Mendoza, membro do triunvirato que presidiu a Primeira República, cujos sobrenomes eram Hurtado Mendoza). Na batalha de La Puerta, Bolívar e Mariño (pouco antes tachado por Marx, ou seja, por Ducoudray-Holstein, de ‘jovem ignorante’), fogem frente a Boves depois de curta resistência. Como sempre, o único que combate valentemente é Ribas. Após a derrota de Araguaita (Argita, no texto de Marx), Bolívar foge outra vez. Corre para Cumaná e, a pesar dos protestos de Ribas, ele e Mariño embarcam no ‘Bianchi’, coisa bastante difícil, por certo, porque Bianchi não é nenhum barco, senão que o sobrenome de um corsário italiano estafador, que fugia com o tesouro da República, tesouro que, antes de deixar Caracas para emigrar a Oriente devido à pressão e ameaça de Boves, Bolívar havia sido obrigado a lhe confiar para evitar sua perda, e do qual o aventureiro queria se apropriar argumentando que os patriotas não lhe haviam pago por seus serviços à causa republicana. Bolívar recupera a maior parte do tesouro, coisa que Marx não menciona. O que ele sim diz é que os dois Libertadores, Mariño e Bolívar, chegam a Margarita, onde são rechaçados por Arismendi e dali passam a Carúpano, onde não

são aceitos por Bermúdez. Então, Marx conclui, eles vão para Cartagena, onde publicam uma altissonante proclama para se justificarem.

Em Cartagena, Bolívar se dedica a conspirar, uma explicação incrível por sua pobreza e pela forma tendenciosa em que a verdadeira conspiração e as verdadeiras intrigas são omitidas, as do inefável Castillo, militar incapaz e inimigo de Bolívar, de quem Ducoudray-Holstein, que por então esteve em Nova Granada a seu serviço, sim fala longamente e em termos muito pouco favoráveis. Marx diz que Bolívar (que, ao parecer, segundo ele, só é bom para fugir) foge de Nova Granada ante a iminente chegada de Pablo Morillo, militar espanhol que encabeça uma grande expedição de reconquista. Chegando a Jamaica, Marx nos diz que Bolívar escreve outra proclama para fazer-se passar por vítima e defender sua fuga diante dos espanhóis. Tudo isto é falso. É frente as intrigas de Castillo, e não querendo ser um elemento de divisão entre os patriotas neogranadinos, que Bolívar abandona Nova Granada. Faz isto antes de que a vinda de Morillo seja anunciada. Bolívar tenta depois regressar a Nova Granada e renuncia a fazê-lo quando, estando já a caminho, fica sabendo que Morillo destruiu a resistência impondo aos neogranadinos seu governo a sangue e fogo. Volta então a Jamaica, e o que Marx considera um vulgar panfleto oportunista é nada menos que a famosa e reconhecida Carta da Jamaica, uma de suas obras fundamentais.

Marx continua: na Venezuela resistem Arismendi e Ribas, que é assassinado pelos espanhóis (na verdade, Ribas fora capturado e executado antes). Aparece então o armador curaçaoenho Luis Brión, militar relevante, de quem Marx, desta vez deixando de lado a Ducoudray-Holstein, diz que como estrangeiro que é não pode ter um papel autônomo na luta independentista venezuelana, o que é um disparate, pois se tratava de uma luta aberta na qual ainda não se impunha o conceito de pátria pequena e nela tinham protagonismo não apenas latinoamericanos, mas também europeus. Segundo Marx, essa seria a razão de que Brión decidisse pôr-se ao serviço de Bolívar, o que por certo não deixa de chamar a atenção, porque sendo Bolívar o fugidor inútil e desprestigiado que Marx nos descreve, teria sido mais coerente que Brión, ansioso do triunfo das armas patriotas, estimulasse a liderança de um chefe mais capaz.

O que vem a seguir é a síntese feita por Marx do relato, longo e manipulado, que Ducoudray-Holstein deixara em sua *Histoire de Bolívar* sobre a expedição de Los Cayos e seus resultados desastrosos, em particular sobre o ocorrido na praia de Ocumare. Vou me deter só nesta parte porque, em qualquer de suas versões, os fatos, ao parecer confusos e nunca esclarecidos por completo, deixam mal posto a Bolívar, e sua lembrança incômoda o perseguiu por toda sua vida. Ducoudray-Holstein, que não esteve presente porque tinha sido expulso por Bolívar do exército patriota pouco antes em Carúpano, falsifica todo o relato apresentando o Libertador como o paradigma dos covardes. Repetindo isso, Marx nos diz que após uma

escaramuça perto de Ocumare entre a vanguarda patriota (dirigida por Soublette) e a tropa do chefe realista Morales, escaramuça na que a vanguarda patriota viu-se forçada a dispersar-se. “Bolívar, segundo uma testemunha presencial, perdeu toda presença de ânimo e sem pronunciar uma palavra voltou a montar rapidamente, escapou a toda carreira rumo a Ocumare, atravessou o povoado a galope, chegou até a baía próxima, desceu do cavalo, saltou a uma lancha e embarcou... deixando a todos seus companheiros sem nenhuma possibilidade de ajuda”. Os testemunhos daqueles que estiveram presentes coincidem todos em que isto é falso. Mas, para os leitores do mercenário francês, já convencidos de que Bolívar é um covarde de sete solas, isto é tão somente o cúmulo de sua covardia. Não lhes passa pela cabeça questionar que a “testemunha presencial” não só é anônima, isto é, inexistente, senão que, como uma sombra, parece ela também haver seguido a Bolívar a todo galope até que ele abordasse a barcaça na praia.

Embora com lacunas, silêncios e variantes, as versões mais prováveis (a de Soublette e a de Salom, ambos generais patriotas, ambos testemunhas, um próximo, outro presencial) nos mostram outra coisa. Nem a vanguarda patriota foi desbaratada por Morales, nem Bolívar saiu correndo ao ver a suposta derrota. Há um certo tempo em que não se sabe bem onde ele estava; e Soublette sugeriu uma aventura amorosa, fato sobremaneira irresponsável de sua parte dentro deste contexto, no caso de ser verdadeiro. Certamente, houve uma grande desordem na praia de Ocumare, onde os capitães dos barcos que tinham trazido os patriotas de Oriente haviam feito descarregar o parque. Em meio da desordem e diante do anúncio da proximidade de Morales, Bolívar, em companhia de Salóm, tratou de reembarcar o parque enquanto esperavam notícias de Soublette. Mas, não havia barcos porque dois dos capitães, que não passavam de corsários, que apoiavam os patriotas, mas estavam mais interessados em seus negócios, haviam carregado as embarcações com frutas e simplesmente tinha saído para vendê-las nas ilhas caribenhas da proximidade, deixando os patriotas sem transporte. O próprio Brión, que além de almirante patriota era também corsário e comerciante, havia feito o mesmo tendo ido a Bonaire. Só permanecia à vista um pequeno veleiro, o de Villaret, que estava igualmente a ponto de zarpar. Bolívar havia perdido o contato com a vanguarda de Soublette e esperava notícias suas.

Nisso surge um estranho personagem, um tal Isidro Alzuru, ex-edecã de Mariño, que informa a Bolívar de parte de Soublette que tudo está perdido e que Morales e suas tropas estão já entrando em Ocumare. Nunca foi esclarecido se Alzuru, que logo desapareceu, era um irresponsável, um covarde ou um traidor. Sua informação era falsa e o que Soublette lhe havia ordenado dizer a Bolívar era que estava acampado perto de Ocumare esperando ordens para marchar rumo a Choroni. A informação desata o pânico e, em meio do desastre da gente que foge ou se lança ao mar, um dos marinheiros, Bideau, resgata Bolívar e o leva ao barco que está zarpando. Isto é recordado pelo próprio Bolívar em maio de 1830 numa carta a Fernández Madrid,

dizendo que, abandonado na praia, estava a ponto de suicidar-se para não cair em mãos dos espanhóis, quando Bideau o resgatou. Não há dúvida de que, qualquer que seja a verdadeira das versões patriotas do acontecimento, inclusive se é a que trata de justificá-lo dizendo que seus oficiais trataram de salvá-lo a toda custa para evitar sua captura pelos espanhóis, algo absolutamente necessário, o certo é que Bolívar falhou neste caso, não por covardia, como querem Ducoudray-Holstein e Marx, senão que por irresponsabilidade ou por insuficiente manejo de suas tropas e da situação. Foi sua noite triste, o ponto mais baixo em sua luta, uma luta na qual êxitos e derrotas se sucediam, com o predomínio até então das últimas, e o momento em que esteve mais próximo de perder não apenas a vida mas também sua liderança e o respeito de seus inquietos e ambiciosos subordinados.

As tropas de Soublette e McGregor sobreviveram e marcharam rumo ao interior para unir-se às guerrilhas das planícies, mas a expedição foi um desastre e o parque patriota foi capturado no dia seguinte por Morales. Bolívar teve que seguir no barco que o tinha resgatado até Bonaire, onde encontrou Brión, e logo de reclamar de sua conduta, regressou com ele a Choroní para reunir-se com Soublette, mas sem poder fazê-lo porque foram informados de que Choroní estava já em poder dos realistas. Ao regressar a Oriente, foi acusado de irresponsável e de covarde por Piar e por Bermúdez, tendo que sobreviver a uma tentativa de assassinato por parte deste e vendo-se obrigado a retornar derrotado ao Haiti, onde contou de novo com a solidariedade de Petión para organizar uma nova expedição rumo às costas venezuelanas, desta vez mais exitosa.

Continua Marx resumindo a Ducoudray-Holstein. Em 1817, já com os patriotas instalados de novo em território venezuelano, Bolívar, logo de ordenar que o coronel Freites defendesse a Casa Forte (Casa da Misericórdia) perto de Barcelona, oferecendo-lhe apoio, abandona-o a sua sorte e Freites é massacrado pelos espanhóis. Em seguida, decide eliminar a Piar por sua inveja e ódio pessoal, porque Piar, o conquistador de Guayana, descrito como homem de cor e caudilho dos pardos, zombava de Bolívar e o chamava despectivamente de ‘O Napoleão das retiradas’. Bolívar forja um plano para se livrar dele: acusa-o de conspirar contra os brancos, captura-o, submete-o a um Conselho de Guerra e faz com que seja fuzilado, o que aterroriza Mariño e o leva a arrastar-se de forma abjeta ante o Libertador. Repetindo esta sorte de simplezas e fofocas, todas tiradas de contexto e narradas de maneira superficial, é impossível aproximar-se com seriedade ao exame de um tema polêmico como este, merecedor de uma análise que seria muito longa e que não posso fazer agora. Em sua madureza, o próprio Bolívar lamentou haver autorizado o fuzilamento de Piar, porém, o ponto central de então era a necessidade de pôr fim às rivalidades e intrigas entre líderes patriotas que haviam feito fracassar até o momento a luta pela independência, e conseguir a unidade de mando sem a qual a luta estava destinada ao fracasso. A liderança de Bolívar se impôs. Piar foi a vítima trágica, o preço terrível que se pagou por isso, e convém recordar que sempre parece

fácil julgar e condenar estas dramáticas decisões à distância, fora da própria luta, da comodidade de uma biblioteca, de uma cátedra ou de um gabinete de estudo.

Marx vai adiante repetindo as mentiras e simplezas de Ducoudray-Holstein: liberada Guayana por Piar e agora controlada por Bolívar, este, contando com mais e melhores tropas que Morillo, não se aproveita disso, maneja mal as tropas e perde todas as batalhas. Bolívar deixa a direção da guerra em mãos de Páez e dos outros e se retira a Angostura. Tudo está a ponto de desmoronar-se pela incapacidade de Bolívar. E então chega a salvação para os republicanos: incorporam-se à luta patriota os legionários europeus que vêm pôr ordem e dar direção coerente ao processo. Aqui, põe-se novamente em evidência essa tendenciosidade despectiva de cunho racista que Marx assume com respeito a Bolívar e aos patriotas venezuelanos. Estes não valem nada como soldados e só a capacidade europeia e a disciplina britânica são capazes, através de uns quantos batalhões de legionários, de salvar uma luta que, de outro modo, está perdida. Uma coisa é reconhecer o importante papel desempenhado pelos legionários estrangeiros e outra atribuir-lhes todos os méritos. Outro que contribui a salvar Bolívar é Juan Germán Roscio, que é, segundo Marx, quem o induz a convocar o Congresso de Angostura, com o que se consegue recrutar um novo exército republicano. E vem a ser pelo menos assombrosos (embora já não tanto a estas alturas do texto) que a menção de Marx ao Congresso de Angostura se reduza a isto, ignorando por completo o Discurso de Bolívar e seu significado.

O que vale a pena assinalar é que a nulidade de Bolívar se mostra a cada passo e que cada uma de suas vitórias e sempre atribuída a outro, ou lhe é imposta de algum modo por outro, seja quem for. Mostra clara disto é o que Marx acrescenta à continuação: que são os oficiais estrangeiros os que o convencem a atacar Nova Granada e libertá-la para logo libertar a Venezuela. Quase não se fala da expedição para libertar Nova Granada. Não há uma só palavra sobre essa imensa façanha que foi a travessia dos Andes, e nas batalhas que conseguem a independência neogranadina, os heróis não são os guerreiros das planícies e os venezuelanos e colombianos, senão que os legionários europeus, sem esquecer que, segundo Marx, tudo havia estado muito bem preparado por Santander. Ou seja, o mérito de Bolívar é, como sempre, nulo.

Diz Marx agora: Liberada Bogotá, Bolívar encarrega Santander do poder e vai para Pamplona desperdiçar dois meses dedicados a bailes e festas. Regressa logo à Venezuela. Dispunha de soldados e recursos para atacar os debilitados espanhóis, mas não o fez e preferiu prolongar a guerra cinco anos mais. Reaparece então Roscio para persuadir Bolívar de que proclame a Venezuela e Nova Granada como República de Colômbia e instale um Congresso comum, que redate uma Constituição. Bolívar não faz nada em 1820. Deixa-se convencer por Morillo e concorda com um desnecessário armistício de seis meses em cuja firma nem sequer se reconhece a Colômbia, algo proibido de maneira expressa pelo Congresso. E

quando por fim está a ponto de produzir-se a batalha de Carabobo, mesmo contando com um exército maior que o de La Torre, o substituto de Morillo, que havia regressado à Espanha, Bolívar, assustado da boa posição do inimigo, propõe a seus oficiais solicitar uma nova trégua, o que é frontalmente rechaçado por estes. Depois de alcançada a vitória, Bolívar perde a ocasião de tomar Puerto Cabello e, assim, dar fim à guerra porque prefere ser homenageado em Caracas e Valencia. Será que ao menos vale a pena refutar estas idiotices? Será que alguém poderia explicar como uma nulidade semelhante pode alcançar a liderança, a glória, a admiração e o respeito alcançados por Bolívar?

De fato, para Marx, a independência venezuelana só foi conquistada devido a dois fatores favoráveis alheios à liderança de Bolívar e de seus subordinados: o fracasso da expedição espanhola de Riego sobre a América em 1820 e a presença da Legião Britânica. E Marx culmina esta apreciação superficial com outra observação de caráter racista e carregada de desprezo pelos combatentes da planície e os soldados venezuelanos e colombianos. Afirmar que os espanhóis temiam mais a Legião Britânica que um número dez vezes maior de colombianos, ou seja, de guerreiros das planícies. Discutir isto é bobagem, mas o que sim deveria se dizer é que todos os europeus que combateram ao lado dos guerreiros das planícies venezuelanas reconhecem não apenas sua coragem, mas também a imensa capacidade militar deles. E Morillo, ex-combatente contra Napoleão na Espanha, que teve que enfrentar estes combatentes dirigidos por Páez, depois de ser várias vezes derrotado por eles, reconheceu sem subterfúgios sua invencibilidade, chegando até a dizer em uma ocasião que se dispusesse de cem mil destes guerreiros passearia pela Europa como vencedor em nome do Rei da Espanha.

A partir daqui o texto de Marx se encurta abruptamente e passa a resumir de forma rápida, obviando muitas coisas, os anos gloriosos da gesta de Bolívar. O texto deixa de ter vida, a riqueza em fofocas e intrigas menores que tinha tido até então, o que se deve ao fato de que já não havia mais o que extrair do livro de Ducoudray-Holstein, o qual conclui com a independência da Venezuela a raiz da batalha de Carabobo. A partir de então, sem perder seu caráter superficial e seu interesse em destacar todo fato útil para criticar Bolívar, mesmo que seja pela manipulação das coisas, Marx não tem outro caminho que o de dar uma visão geral do que vem em sequência, resumir os fatos e fazer críticas a Bolívar que vão além da pequena intriga e que, em certo sentido, são de maior alcance. Para não estender demais isto e ficar repetindo o mesmo, vou terminar esta parte fazendo um breve resumo de algumas das coisas ditas por Marx.

Na campanha do sul da Colômbia e Equador, depois de dizer que a direção nominal é de Bolívar e a real de Sucre, reitera que os êxitos se devem integralmente à oficialidade britânica. Na campanha do Peru e do Alto Peru, Bolívar já não continua representando o papel de Comandante-em-Chefe e delega o mando em Sucre, para

dedicar-se a entradas triunfais, manifestos e proclamações de Constituições. Fala da Bolívia como uma terra ‘submetida às baionetas de Sucre’ e não libertada por ele. Diz que ali Bolívar dá rendas soltas a sua tendência ao despotismo e proclama o ‘código boliviano’ (ou seja, a Constituição da Bolívia), em sua opinião um mero remedo do Código Napoleônico. E, ao afirmar que Bolívar queria aplicá-lo à Colômbia e ao Peru, Marx considera a este como ‘território submetido por suas tropas’, o que equivale a qualificar a Bolívar como invasor estrangeiro e não de Libertador. Mais adiante, acusa Bolívar de haver alentado em 1826 a revolta de Páez contra Santander porque necessitava sublevações como pretexto para implantar sua ditadura. E arremata dizendo que nesse mesmo ano, quando seu poder começa a declinar, Bolívar convoca um Congresso no Panamá com o objetivo aparente de promulgar um novo código democrático internacional, quando em realidade o que queria não era outra coisa que unificar toda a América do Sul numa república federal da qual ele seria o ditador. Por fim, em março de 1830 (!!), Bolívar se dirige a Maracaibo, diz, para enfrentar a Páez, mas, perante a força e decisão deste, sua coragem fraquejou e chegou até mesmo a pensar em submeter-se a ele. Porém, vendo que perdia influência, decidiu por fim renunciar, morrendo pouco depois no final desse mesmo ano.

Conclui reproduzindo o retrato de Bolívar que Ducoudray-Holstein tinha traçado, e oferecendo a bibliografia utilizada, três obras, das quais, como dissemos antes, tudo indica que só usou com profusão a primeira e apenas folheou as outras duas.

Algo mais para terminar com este lamentável texto. É difícil entender como, em uma guerra longa e feroz e em uma luta pela independência contra um império poderoso como o espanhol, alguém tão covarde, inútil e incapaz como o Bolívar que Marx descreve haja podido alcançar tanta glória, conseguir tal liderança e submeter a seu poder absoluto a países inteiros cheios de guerreiros armados. Cego por seu ódio preconceituoso contra Bolívar, Marx não parece dar-se conta desta flagrante contradição. Porque o que está no fundo de tudo isto é que escrever uma biografia de Bolívar a partir de tudo o que seu inimigo Ducoudray-Holstein diz contra ele é tão absurdo como tentar escrever a biografia dos hereges cristãos medievais a partir das calúnias e do ódio dos inquisidores, ou algo mais próximo de nós, tentar escrever a biografia de Chávez baseando-se somente nas calúnias que a mídia e os dirigentes da oposição venezuelana escrevem e difundem diariamente contra ele.

Publicado por [Juan Diego](#) em [11:51](#)